

“PLANEJAR PARA INDUSTRIALIZAR”: REPRESENTAÇÕES JORNALÍSTICAS DE CAMPINA GRANDE EM SEU PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NO JORNAL “DIÁRIO DA BORBOREMA” (1950-1960)

Danilo Rodrigues Souza¹

RESUMO

Neste trabalho, pretendemos apresentar as minúcias encontradas nas páginas do jornal Diário da Borborema nos anos de 1950 e 1960, sobre o processo de instalação e ampliação de serviços primordiais para as indústrias que ali se pretendiam aportar na cidade de Campina Grande, Paraíba, como água, luz e mão de obra qualificada. O município prometido a um futuro tão grande e nobre como seu passado algodoeiro, e vendida por sua elite como um centro econômico ideal para a industrialização que atingia todo o Nordeste, Campina Grande segundo os discursos jornalísticos da época, apresentava uma série de debilidades em seus recursos. Apontando as fragilidades de uma estrutura urbana que sofria com um inchaço populacional, o Diário da Borborema também sugere os passos que o poder público deveria seguir para sanar tais problemas. Assim, destacaremos tais reportagens, abordando e discutindo as representações construídas para Campina Grande, antes, centro de comércio e exportação de algodão, e agora, observada como polo de desenvolvimento e progresso industrial.

Palavras-chave: Campina Grande; Industrialização; Diário da Borborema.

INTRODUÇÃO

Em Campina Grande, um “*ar*” de grandeza é respirado por sua população, que não tem dúvidas da importância de sua cidade dentro do Nordeste. Economicamente, a história deste município se constrói apresentando como estrutura basilar o comércio e os serviços, atendendo a uma demanda regional. Em seu mito fundador, lugar de repouso para tropeiros; em seguida, uma feira de gado e mercadorias que já a despontava dentro do contexto nordestino; em seu mito “*edificador*”, apresenta um grande salto de desenvolvimento devido as atividades tropeiras e ao crescimento da cultura do algodão e seu comércio outorgando um dos primeiros “*títulos*”² de Campina Grande, chegando a ser a segunda maior produtora de algodão do mundo.

Ao longo dos anos, de *Rainha da Borborema* e “*capital do trabalho*”, se construiu também uma expectativa de progresso com a cidade. Campina era a promessa de avanço que

¹ Atualmente é aluno do Programa de Pós-graduação em História pela Universidade Federal de Campina Grande (PPGH/UFCG). (danilorodrigues.ufcg@gmail.com)

² Dentro deste contexto histórico, Campina Grande ganhou o nome de “Liverpool brasileira”, em referência à cidade inglesa que detinha o título de maior produtora de algodão no mundo.

destacaria a Paraíba no contexto brasileiro. Observando o desejo de indústria no Nordeste, Campina não ficaria de fora. O domínio do comércio, onde sua “*galhardia*” já não podia ser apresentada como antes, demandava uma renovação na economia campinense.

Os observadores da vida campinense vêm notando, não sem certo pessimismo, que já não poderemos manter com a mesma galhardia de antes o domínio do comércio nordestino. (...) Mas as estradas de rodagem vararam o sertão de dentro adentro, ligaram cidades mais distantes aos centros consumidores do Sul, e eis que os negócios, até bem pouco tempo quase obrigatórios em Campina Grande, ampliaram consideravelmente o seu círculo e começam a fazer-se fora da órbita de interesses de nossa cidade. (...) Não temos, no entanto, motivos para receios alarmistas, desde que poderemos arrumar a nossa economia em outro poderoso fator de desenvolvimento: a indústria. (...) O momento é mais que oportuno para a criação de uma mentalidade industrial. (...) Os homens que construíram a grandeza do empório comercial que foi e ainda é Campina Grande, esses mesmos homens poderão, com seu arrojo, com sua inteligência, com sua visão, lançar os fundamentos do parque industrial campinense.³

A reportagem, sugestivamente intitulada “*Pensemos em Indústria*” presente na página política do jornal, já tem início destacando algumas das mais curiosas personagens destacadas por esta pesquisa. Sob o nome de “observadores da vida campinense”, pode-se deduzir que estes aspectos da economia municipal não foram elencados à toa, por indivíduos que se prestaram apenas a uma observação desinteressada. Assumindo o papel destas personagens anônimas da manchete, as elites campinenses se tornam suspeitas, caso nos detenhamos em sua delicada situação: prejudicadas aos poucos pelos desvios feitos pelo capital comercial do Nordeste que não tem mais movimentado seu comércio como antes, depreciadas pelas mudanças econômicas do país. Tais observações são apresentadas pela reportagem como de interesse de todos os campinenses, “*preocupados*” com o progresso e desenvolvimento de seu amado município. Fica subtendido que tal visão de futuro abraçará toda a população de Campina, caso os “*construtores*” do empório comercial que caracteriza a cidade se mobilize no mesmo esforço em direção à indústria.

Sob este aspecto, nas páginas veiculadas pelo Diário da Borborema, se evidencia esse constante forjar do imaginário que se constituiu em torno da cidade, constantes discursos de uma elite que acreditava piamente no potencial campinense e de sua população, tornando-a um verdadeiro “*centro propulsor do progresso da Paraíba*”. Nos serviços, no comércio e na produção, seu nome era motivo de inveja e admiração entre outros centros urbanos do interior nordestino. Na indústria, não poderia ser diferente. Assim como aponta a reportagem de capa

³ Diário da Borborema, Campina Grande, 18 de Outubro de 1957, p. 3.

do 7º caderno da primeira edição do Diário da Borborema, “*Campina Grande, porta do sertão e centro de trabalho incansável*”, publicada no dia 2 de outubro de 1957:

Em todo o Nordeste brasileiro, um nome de cidade ressoa, causando inveja e admiração a todos os centros interioranos que mais têm progredido na região. Esse nome é o de Campina Grande. Porta do sertão, centro de trabalho incansável e produtivo, a cidade de Campina Grande é a rainha incontestável do Nordeste interior. Seu florescimento, cada dia mais acentuado, é fruto do esforço de sua população ativa, valorizado por condições geoeconômicas verdadeiramente ímpares no Nordeste seco. (...) Os negócios que aqui se realizam, assumem proporções fantásticas, criando riquezas rápidas e deixando sua marca no crescimento de todas as atividades humanas na cidade. (...) Entretanto, Campina Grande acha-se apenas no início de uma fase de industrialização que poderá, em breves anos, superar as outras atividades produtivas: agricultura, comércio e serviços. Realmente, nenhuma cidade no Nordeste interior apresenta tantas e tais condições favoráveis ao crescimento industrial. Aqui se encontram em posição invejável todos os fatores para a existência de um parque industrial promissor: matérias primas e facilidade de seu acesso às fábricas pelas numerosas vias de comunicação existentes; energia elétrica abundante, certa e relativamente barata (podendo tornar-se ainda mais barato); mão de obra também abundante e de boa qualidade (sabendo-se da extraordinária capacidade dos nossos artífices e existindo estabelecimentos de preparação profissional, como o SENAI para a formação de operários e a Escola Politécnica para a preparação de técnicos de técnicos); mercado consumidor de extensão e capacidade ainda não avaliadas, mas que se presume de grandes proporções pela posição geográfica da cidade – portão do sertão, como comumente se diz, cidade-chave de uma imensa região nordestina que abrange os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí, parte de Pernambuco como do Maranhão, etc.; finalmente, espírito empreendedor de seus capitalistas, o qual precisa apenas ser estimulado no sentido das sociedades anônimas, ajudadas pelos financiamentos oficiais.⁴

O jornal Diário da Borborema ajudava a construir e fazia circular um conjunto de imagens e modelos que pretendia que fossem vivenciados por todos os campinenses. Campina Grande era apresentada como a cidade progresso, a cidade modelo do Nordeste, município interiorano de destaque econômico na região. Possuía graças ao seu passado enobrecedor, todos os aparatos e promovia todos os estímulos que um centro urbano necessitava para que ali fosse desenvolvido um forte e desenvolvido setor industrial. Já até apresentava focos de indústria, mas nada que se equiparasse a outros setores da economia de Campina.

Observando a data de publicação desta registro, 1957, percebe-se que já há um incentivo formal por parte da elite local para com a indústria. O desejo de progresso já se delineava antes mesmo que o discurso desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, a partir de 1959, estampasse todas as manchetes do país. Apesar de pequena, já havia uma indústria que andava a passos pequenos e se observada pelo exposto pelo Diário da Borborema, era promissora, faltando-lhe apenas estímulos financeiros e fiscais. Por outra perspectiva, a

⁴ Diário da Borborema, Campina Grande, 2 de Outubro de 1957, caderno 7, p. 1 e 4.

mesma reportagem mostra a necessidade de uma constante exposição de Campina Grande como um pólo economicamente forte para se investir na indústria, ganhando visibilidade diante das empresas interessadas no mercado.

NEM TUDO É PROGRESSO

A imprensa e a elite campinense apontavam para o mesmo futuro, acreditando que apenas a indústria poderia manter o posicionamento de destaque de Campina Grande perante outras cidades de mesmo porte. Como aponta a reportagem “*Zonas Industriais*” presente no editorial da edição de 22 de Novembro de 1957:

Os homens empreendedores de Campina Grande acreditam, com justificadas razões, que temos aqui as melhores possibilidades para sustentar um ritmo muito mais intenso de industrialização. E de todos os lados estão surgindo idéias felizes no sentido de se criarem condições favoráveis ao surto de desenvolvimento fabril.⁵

Em sua administração política, Campina vinha andando a passos largos promovendo seu crescimento em diversos âmbitos, passando pela educação e pela cultura, atravessando também os serviços de energia e telefonia. As gestões dos prefeitos Elpídio de Almeida e Severino Cabral durante a década de 1950, colocaram a cidade nos trilhos do progresso, de acordo com o Concurso promovido pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal de 1957, apresentado pela reportagem “*Campina Grande, um dos Municípios de maior Progresso*”⁶. Nela, ocupando toda a terceira página deste caderno, fatores como os gastos em obras públicas e serviços, gastos com energia, estradas, etc. são expostos, apontando para o tamanho investimento público para o desenvolvimento urbano.

Nessas reportagens, a *Rainha da Borborema* é representada como uma verdadeira mina de ouro para o investimento empresarial, fazendo necessário apenas as ferramentas que possibilitassem sua “*mineração*”. Tais ferramentas garimpariam o verdadeiro potencial do setor industrial campinense, tirando-o de sua incipiente situação, alcançando os parâmetros desejados para uma verdadeira *capital do trabalho*.

Mesmo notando todo o esforço despendido pela prefeitura em oferecer a cidade como um pólo atraente para novos negócios, percebe-se também nas reportagens do Diário da Borborema uma negação de que a Campina Grande do futuro era só progresso e

⁵ Diário da Borborema, Campina Grande, 22 de novembro de 1957, p.2.

⁶ Diário da Borborema, Campina Grande, 2 de Outubro de 1957, caderno 4, p. 3.

desenvolvimento. A cidade tinha suas deficiências, suas carências e falhas, fossem estas observadas nas esferas de serviços como água e energia, na mão de obra não instruída ou na falta de interesse público em níveis municipais, estaduais e federais.

Observando a distribuição de água nesta época, o Diário da Borborema não apresenta uma imagem muito atraente aos objetivos industriais de sua elite. Apesar da construção do Açude do Boqueirão a recentes anos, o abastecimento de água sempre é apresentado como incipiente, promovendo o terror na vida das donas de casa campinenses⁷.

Sobre a energia, não há melhores condições que as do abastecimento de água. O custo alto, as condições precárias de estrutura e distribuição que dificultavam a vida da população, também não desenvolviam condições sedutoras para a instalação de novas indústrias. O editorial do jornal em tom de denúncia clamava ao governo por soluções que viabilizassem a situação.

Os homens da indústria de Campina Grande, por exemplo, pagam energia elétrica duas vezes mais cara do que no rio de Janeiro ou em São Paulo. E naquelas cidades, grandes, grandes centros industriais, o fornecimento de eletricidade é feito por empresas privadas. No Nordeste, a CHESF é a empresa mantida principalmente pelo Governo Federal, com a participação apreciável dos Estados interessados e ainda com a ajuda de capitais privados. (...) Um programa objetivo de investimentos da União no Nordeste não pode deixar de ser repisado, renovado, rediscutido no encontro dos industriais do Nordeste. (...) O Nordeste quer dinheiro, mas para ser aplicado em empreendimentos básicos para o desenvolvimento regional. O problema social das secas será melhor solucionado quando a região possuir uma indústria poderosa e sólida, oferecendo emprego aos excedentes de sua população rural.⁸

Desta forma, observando o suprimento de água e energia para Campina no ano de 1959, somados ao desinteresse político para com as necessidades básicas de seu povo, não resta dúvida também que as necessidades de uma indústria de grande porte que ali se instalasse não seriam solucionados em tempo hábil. Intitulada “*Desleixo inqualificável*”, a reportagem presente no editorial da edição de 4 de Janeiro de 1959, nos fala:

Ninguém mais ignora, nesta cidade, que toda a zona urbana servida d’água pela caixa do Monte Santo não esta sendo convenientemente suprida pelo novo sistema do Açude de Boqueirão. Nessa zona continua a fazer-se racionamento com a distribuição d’água com intervalo de alguns dias. (...) O Dr. Josemir de Castro, com a visão correta que tem dos problemas do abastecimento d’água na cidade, vem

⁷ Para isto, se observa a reportagem “*Necessário um conjunto de medidas para melhorar o nosso abastecimento d’água*” do dia 2 de Fevereiro de 1958, onde é exposta a verdadeira situação do sistema de abastecimento de Campina. Nela, o senhor Josemir Castro, atuante no setor sanitário da cidade explica que são necessárias uma verdadeira mobilização do governo público para ampliação do abastecimento. A velha estrutura já não dá mais conta de uma população em vertiginoso crescimento.

⁸ Diário da Borborema, Campina Grande, 4 de Fevereiro de 1959, p. 2.

pleiteando, desde que foi inaugurada a Adutora nova, um transformador para o correto funcionamento de uma moto-bomba mais possante, adquirida pelo Saneamento no Recife, pois a corrente nas Boninas é insuficiente para fazer funcionar o aludido conjunto elétrico. (...) Ultimamente, quando aqui esteve o eng. José Cândido Pessoa, diretor geral do DNOCS, tomou conhecimento da necessidade existente e autorizou a vinda para nossa cidade de um transformador daquele Departamento existente em Curema. (...) Acontece que foi cumprida a promessa do diretor: veio para Campina Grande o transformador e foi também autorizada a compra de uma chave que se fazia também imprescindível. Sucede, entretanto, que a situação de falta d'água do Monte Santo permanece inalterada, pois o transformador não foi instalado, apesar de se encontrar aqui há vários dias. A reportagem deste jornal foi informada de que o problema é um pouco mais complexo. Não se trata somente de instalar o transformador. Falta trazer a rede elétrica da Rua Getúlio Vargas para o Reservatório das Boninas, isto é, uma linha especial se torna necessária para o perfeito funcionamento do conjunto moto-bomba. (...) Mesmo que seja um absurdo entrar o DNOCS com a despesa para o processamento da linha, talvez ele autorizasse a compra de postes e de cabos e isoladores e demais materiais precisos, desde que manifestou o enorme desejo de satisfazer aos desejos dos campinenses em matéria de abastecimento d'água. Se ignora o pormenor o diretor geral do DNOCS, não acontece o mesmo com o Governo do Estado. Tendo a sua disposição o transformador do DNOCS, nada mais justo, nada mais imperioso, do que o Governo arcar com a despesa da montagem do mesmo, trazendo – se o caso é a falta de linha – os fios da Avenida Getúlio Vargas. (...) Francamente, é esse um desleixo inqualificável para o qual, provavelmente, não atentou ainda o Governador Pedro Gondim, tão interessado como se tem revelado em atender às reivindicações desta cidade.⁹

A ausência do governo para solucionar problemas simples como este apontado pela reportagem, marca uma cobrança por parte do jornal. Responsabilidades assumidas por outras instituições são deixadas de lado, prejudicando o desenvolvimento de uma cidade prometida ao progresso. O destaque dado às fragilidades de Campina, revelando-as aos poderes públicos, colocam em cheque a avaliação destes governos, que perdem a confiança e o apelo destas populações. Em outra reportagem do Diário da Borborema, onde o abastecimento de água e o fornecimento de energia de Campina são dissecados, o abandono quase que “*criminoso*” da população campinense pelos poderes públicos se evidencia ao assumir uma posição de destaque na última página do jornal¹⁰.

O freqüente desmoronamento de postes da rede elétrica que liga o sistema de Paulo Afonso à Estação de Recalque de Vereda Grande, de onde é bombeada a água que abastece Campina Grande, vem se constituindo uma permanente ameaça à tranqüilidade dos habitantes desta cidade. Culpe-se em geral por esses incidentes a pressa com que foi construído e inaugurado, há três anos, o sistema adutor de Boqueirão a fim de servir a interesses políticos.¹¹

⁹ Diário da Borborema, Campina Grande, 4 de Janeiro de 1959, p. 2.

¹⁰ Neste momento, as principais reportagens do Diário da Borborema se faziam presentes nas primeiras e últimas páginas da edição.

¹¹ Diário da Borborema, Campina Grande, 15 de Janeiro de 1961, p. 8.

O empenho da elite local em chamar a atenção e trazer para perto de seus interesses industrializantes o poder público, se repete progressivamente nas reportagens do DB, destacando o propósito de tal processo e investimento. Resta aos políticos, atenderem a necessidade de um seguimento local que clama por indústria através da imprensa campinense. No caso, o próprio editorial do Diário da Borborema se mobiliza novamente ao escrever que:

Não é mais novidade para os responsáveis pelos destinos da comuna, como também para as suas classes conservadoras e o próprio povo, que o município campinense precisa se industrializar. Frequentemente, em círculos locais os mais variados, ouvimos essa afirmativa. Com efeito, parece não haver dúvida que já transpomos a fase comercial da cidade: mercados que se supriam comumente aqui (pelo aparecimento natural de condições próprias), estão se reabastecendo no Sul ou em outras cidades mais próximas, extinguindo-se, o que sempre foi muito importante, as conhecidas cargas de retorno, motivo da dinamização e pujança do comércio local. (...) Destarte, mais do que nunca, a afirmativa tem caráter verdadeiro e requer, urgentemente, providências lúcidas dos dirigentes comunais, antes que a outra cidade tenhamos que passar o cetro de liderança nordestina.¹²

Perder o título, “*passar o cetro*” para outra cidade, marcaria a história e o orgulho de Campina de uma forma irreparável. A *Rainha da Borborema*, a *capital do trabalho*, perdendo sua importância e influência dentro do contexto regional seria inaceitável. O poder público era convocado a intervir em uma situação, que como aponta a reportagem, “*não é mais novidade*” para alguém que possui algum domínio dentro do município, seja esse político ou econômico.

Neste momento de empenho, interesse e incentivo, a prefeitura de Campina muda sua atitude diante das possibilidades de indústria. A partir de pesquisas e levantamentos feitos por ela em relação às indústrias já instaladas no município, o poder municipal pretende desenvolver plenamente as potencialidades da *Rainha da Borborema*, perpetuando sua situação como “*centro adiantado da indústria paraibana*”. Na coluna nomeada “*Encruzilhadas*”, do dia 14 de Março de 1958, o professor José Stênio Lopes, fundador do SENAI na Paraíba, esclarece na reportagem “*Inquérito industrial*” que:

Vai distribuir a agência modelo de Estatísticas de Campina Grande, nos próximos dias, a todos os industriais do Município os questionários destinados à coleta dos dados referentes ao valor da nossa produção industrial em 1957. Essa pesquisa, que é anual, constitui-se uma das melhores fontes para o julgamento do processo de rendimentos de nossas indústrias, podendo-se por ela ajuizar de dois fatores de máxima importância: a) a rentabilidade dos empreendimentos; b) o aumento da produtividade. Importa, porém, que os quesitos formulados pela repartição de Estatística sejam perfeita e exatamente respondidos. Como sabem os industriais, os

¹² Diário da Borborema, Campina Grande, 3 de Março de 1959, p. 2.

dados fornecidos à Estatística têm caráter restrito, não servem para efeitos fiscais. Os elementos que fornecer determinada empresa, passam a figurar nos dados globais da Estatística, desaparecendo inteiramente o informante para só ficar o dado fornecido. (...) Todas essas atitudes, que possam refletir-se na inexatidão das respostas que o censo da produção industrial requer, devem ser afastadas como prejudiciais à nossa terra. (...) Da exata informação dos industriais campinenses vai depender melhor situação de Campina Grande como centro adiantado da indústria paraibana. Precisamos ter isto em mente.¹³

É preciso “*ter em mente*” que tais reportagens não medem esforços para criar um orgulho de ser campinense, de nascer e trabalhar em tal cidade representante de todo o progresso paraibano. As reportagens martelam veementemente tal idéia, objetivando os esforços de toda a população em prol do bem municipal. Assim, participar ativamente dos interesses locais se transformava numa forma de atender ao bem comum. A todos interessavam uma Campina “grande”, formosa e promissora. Esta pesquisa anunciada pelo Diário da Borborema arrastava mais ainda os campinenses para o esforço de modificar as feições econômicas da cidade. Como aponta outra o editorial do jornal em outra reportagem de mesmo contexto e interesse:

Não se trata apenas de cumprir um mandato da lei. Não se pensa em fugir às multas que ameaçam aqueles que não prestam as informações requeridas ou as prestam com inexatidões. O que importa realmente é que cada uma compareça nos totais dos dados coletados com a força e a verdadeira expressão de sua realidade econômica através dos elementos fornecidos nos inquéritos industriais. (...) Campina Grande e a Paraíba podem surgir como mercado para investimentos, mas isto só se tornará fácil, se os estudiosos dos assuntos econômicos encontrarem em nossa cidade, como no Estado, condições favoráveis de desenvolvimento industrial, em face da rentabilidade dos capitais aplicados.¹⁴

Ainda apelando aos números e estatísticas, a reportagem “*Cidade grande*”, traz consigo dados interessantes sobre a população campinense a partir de uma pesquisa feita pelo IBGE à época. Seu crescimento vertiginoso nos últimos anos é apontado pelo editorial do jornal como sinal de progresso.

Campina Grande ultrapassou os cem mil habitantes. Foram aqui recenseados 116.803 habitantes, quando ao preenchimento dos questionários do IBGE. A população campinense deu um verdadeiro pulo. O aumento em dez anos foi de cerca de 60 por cento, o que é um despropósito. Mas explica-se esse aparente despropósito, pelas condições que a cidade passou a oferecer às populações abandonadas do interior. Com a água, abundando na verdade, de que a cidade se vem abastecendo através de um serviço ainda precário, porém incomparavelmente melhor do que tínhamos antes, parece que novamente cresceram as possibilidades de

¹³ Diário da Borborema, Campina Grande, 14 de Março de 1958, p. 7.

¹⁴ Diário da Borborema, Campina Grande, 15 de Março de 1958, p. 2.

progresso de Campina Grande. (...) Nota-se, entretanto, que o crescimento de população não se vem fazendo acompanhar do aumento proporcional dos meios de produção. Não crescem as oportunidades de trabalho na mesma percentagem. (...) Ao mesmo tempo, redobram os compromissos da administração pública em relação a uma cidade que incha. Há maiores problemas de abastecimento, de transportes, de escolas, de assistência médica e sanitária, etc. Se o comércio e a indústria também crescessem, haveria compensação. Mas o aumento populacional é antes da classe pobre. Não nos consta que tenha havido melhoria nas condições econômico-financeiras. Assim, vai-se exigir mais das classes contribuintes, estas terão que arcar com mais pesados ônus, a fim de a administração atender as necessidades que se ampliam. (...) Essa gente traz força de trabalho. Mas essa força não deve ficar ociosa. Precisamos aproveitá-la e aqui intervém a ação do poder público, fomentando o desenvolvimento das empresas privadas. Numa palavra, precisamos de industrializar nossa terra.¹⁵

É “*preciso*” industrializar. É preciso dar trabalho a quem quer trabalhar. É preciso dar lucro a uma elite que perde seu espaço dentro de uma corrida regional onde a indústria dita os novos parâmetros. A reportagem deixa claro que Campina tem que crescer, para além de seus dados demográficos. É preciso produzir em maior proporção com que se consome. De tal modo, a indústria se mostra como a solução para os problemas de um município que em si concentra as necessidades do interior paraibano. Seu inchaço cada vez mais acentuado torna claras as fragilidades de sua economia limitada. Industrialização como o último recurso: empregos para uma população “*ociosa*”, forte impulso para a economia local, novas fontes de imposto auxiliando a prefeitura em suas responsabilidades para com a população.

Com os alertas, enfoques e outros aspectos destacados pelo Diário da Borborema, há uma mobilização por parte dos poderes públicos locais. Novas atitudes para suprir as demandas infra-estruturais para realizar um aporte industrial em Campina eram pouco efetivas. Novamente, utilizando o discurso de naturalidade e pré-destinação, as reportagens do DB apontam para o desenvolvimento. A chegada de representantes nacionais de indústrias e instituições como FIEP, SESI e SENAI paulatinamente permeiam as páginas do diário. Na edição de 30 de Abril de 1958, ocupa boa parte da 8ª página.

Acompanhado de numerosa comitiva, chegará a Campina Grande hoje às onze horas, sendo alvo de significativas manifestações por parte das classes produtoras desta cidade, o presidente da Confederação Nacional da Indústria, Diretor do Departamento Nacional do SESI e Presidente do Conselho Nacional do SENAI, Sr. Lídio Lunardi figura das mais representativas dos meios econômicos, financeiros e sociais do país.¹⁶

¹⁵ Diário da Borborema, Campina Grande, 10 de Janeiro de 1960, p. 2.

¹⁶ Diário da Borborema, Campina Grande, 30 de Abril de 1958, p. 8 e 4.

A importância de uma visita deste vulto sinaliza um potencial tão antes exposto pelas páginas deste diário. E também para uma importante necessidade: mão de obra especializada. Para uma indústria, não se pode empregar qualquer trabalhador “*ocioso*” como aquele apresentado anteriormente. É necessário um trabalhador especializado, formado em áreas que atenda à demanda das indústrias que aqui funcionam ou pretendem se estabelecer. Desta forma, o SENAI aparece como principal formador de mão de obra atuante na indústria paraibana. Assim, o professor Stênio Lopes, em sua coluna “*Encruzilhadas*” nos fala:

Como se poderia traduzir o rendimento do dinheiro que os industriais entregam ao SENAI? Evidentemente, pela apresentação às fábricas e oficinas de certo número de jovens operários bem treinados num ofício útil, preparados nas Escolas mantidas por eles (os patrões). (...) A direção do SENAI achou que o caminho certo era instalar cursos básicos, isto é, cursos para a formação de operários em mecânica geral. (...) Com efeito, em qualquer indústria necessita de mecânicos para a manutenção e reparação dos maquinismos e equipamentos. (...) estará a Escola SENAI realizando um programa objetivo e eficiente para a melhoria da indústria brasileira.¹⁷

Torna-se fundamental a atuação de tais Escolas formando operários para a indústria campinense, que aos poucos acelera seu passo rumo ao tão prometido desenvolvimento. Observa-se, contudo, que para o acesso a uma mão de obra bem qualificada em uma região onde a indústria ainda caminha a passos quase que artesanais, é necessário despender algum dinheiro, que será convertido na formação de trabalhadores jovens, dispostos a ingressarem e atuarem no mundo industrial, dando sua importante contribuição para o avanço campinense.

Por parte da FIEP, podemos observar o mesmo interesse em desenvolver uma economia que apesar de já se encaminhar, ainda engatinha se considerarmos outras regiões do país.

A atual fase de expansão do movimento industrial de Campina Grande, visando a consolidar a vida econômica da cidade e inauguram uma etapa nova com o aproveitamento maior e mais racional dos recursos naturais do Nordeste, continua a ser preocupação constante das classes produtoras locais. Estamos seguramente informados que a Federação das Indústrias lançará brevemente ampla campanha, de âmbito estadual, com o fim de congregar mais os industriais em torno de seus legítimos interesses, devendo diretores daquela entidade visitar várias zonas do Estado, promovendo reuniões nas cidades mais importantes.¹⁸

Entre tais cidades, claro que Campina Grande se apresenta como destaque de uma economia surgida para crescer, brilhar e ser pivô central da economia de uma região de

¹⁷ Diário da Borborema, Campina Grande, 8 de Novembro de 1957, p. 7.

¹⁸ Diário da Borborema, Campina Grande, 20 de Outubro de 1957, p. 8.

promessas que era o Nordeste. Não é a toa que reportagens deste tom ocupam grande parcela das páginas principais do diário. Era a mobilização de instituições públicas em prol da economia local, animando e estimulando a elite local a mover seus esforços por uma Campina Industrial.

Outro aspecto importante que sinaliza o apoio político e institucional para a industrialização da cidade é a prática de isenção de imposto que demarca um comportamento público em relação à boa parte das empresas e indústrias no Brasil até hoje. Algumas reportagens¹⁹ apontam neste sentido para a influência do governo federal que, com o intuito de industrializar o Nordeste atrai ao mesmo tempo indústrias estrangeiras e instiga também a mobilização de empresas estaduais e municipais.

Com o tempo, as estratégias tomadas por várias esferas da economia e poder público local lograram resultados positivos, a partir dos primeiros sinais de interesse de indústrias estrangeiras.

Viajando em avião especial estiveram nesta cidade ontem pela manhã os industriais japoneses Akira Yamamoto e Hildes Saito, em companhia do Sr. Pércio França, secretário da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul que realizam no momento uma excursão pelos Estados do Nordeste, com o fim de estudar as possibilidades de instalação de uma indústria de fiação nesta região do país. Referidos industriais logo que desembarcaram no Aeroporto João Suassuna, estiveram realizando uma visita ao Prefeito Severino Cabral, no seu gabinete de trabalho, no Palacete da Prefeitura, onde se demoraram em palestra com o Governador da cidade, certificando-se das condições oferecidas por Campina Grande para instalação de uma indústria daquele tipo.²⁰

Japoneses, europeus, americanos ou industriais do Sul do próprio Brasil se animam com as possibilidades e oportunidades que se desabrocham na *Rainha da Borborema*. Aos poucos, suas estruturas fragilizadas pelo enfraquecimento do comércio do algodão e incipientes perante uma população de quase 120.000 pessoas, são reformadas, reestruturadas, ampliadas, satisfazendo também as necessidades de um processo de industrialização que ali se apetecia.

¹⁹ Como é o caso da reportagem “*Isenção de impostos sobre às novas indústrias*”, publicada no Diário da Borborema no dia 7 de Julho de 1961.

²⁰ Diário da Borborema, Campina Grande, 6 de Julho de 1961, p. 8.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos poucos, outras esferas do cotidiano campinense vão a reboque deste pretense desenvolvimento econômico, se apresentando também como aspectos de progresso e prosperidade da cidade. Culturalmente, percebemos o aparecimento de novas mídias para Campina, onde o próprio jornal Diário da Borborema junto à Rádio Borborema e, mais tarde, a Rede de Televisão Borborema, são apresentados nas reportagens do diário como “*fatores de desenvolvimento*” da cidade²¹.

Campina crescia, ficava “*grande*”. Justificava seu nome perante uma região que segundo os discursos de sua imprensa e elite, orbitava em torno de sua forte economia, comércio, e agora, indústria. O “*centro*” de outrora permanecia nas mãos da verdadeira *Rainha da Borborema*. A industrialização prometida como solução para todas as mazelas dos Nordeste, e em especial, para a *capital do trabalho*, aparentemente surtiria seu efeito.

FONTES

Jornal Diário da Borborema (1957-1964).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Maria José Lira. **Um projeto que (não) deu certo**: estado desenvolvimentista e industrialização – Estudo da indústria Wallig Nordeste S/A: *Campina Grande – PB*. Dissertação de Mestrado. UFPE, Recife, 1991.
- CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do Desenvolvimento - Brasil**: JK - JQ. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- CHAGAS, Waldeci Ferreira. **As singularidades da modernização na Cidade da Parahyba nas décadas de 1910 e 1930**. Tese de Doutorado. UFPE, Recife, 2004.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- FERNANDES, Silvana Torquato. **Uma outra representação da modernização em Campina Grande: a cidade nas páginas do Diário da Borborema (1960-1980)**. Dissertação de Mestrado, UFCG/PPGH, Campina Grande, 2011.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. Morfologia e História. 5ª reimpressão. São Paulo: Schwarcz, 2012.

²¹ Neste sentido, destacamos reportagens como “*A Rádio Borborema é um fator de desenvolvimento de Campina Grande*” do dia 2 de Outubro de 1957 e “*Televisão é fator de progresso e Campina está de parabéns*” do dia 4 de Janeiro de 1962, onde o progresso da cidade motiva ou torna como consequência, a aparelhagem de modernas instalações de mídia. As representações emolduradas pelo jornal são recebidas pela população campinense e seus homens de letras, que tomam partido diante da situação. Entende-se aqui, que é quase que *natural* tais acontecimentos, diante da economia de uma cidade em pleno progresso.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico: resultados preliminares**. Rio de Janeiro, 1960.

KARNAL, Leandro e TATSCH, Flávia Galli. **A memória evanescente**. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (organizadoras). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LUCA, Tânia Regina. **A História dos, nos e por meio dos periódicos**. In PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)**. Tese de Doutorado. UFPE, Recife, 2002.